

Primo Levi

O SISTEMA PERIÓDICO

Tradução

Maria do Rosário Pedreira

teorema

Índice

Árgon	11
Hidrogénio	33
Zinco	43
Ferro	53
Potássio	69
Níquel	83
Chumbo	105
Mercúrio	123
Fósforo	137
Ouro	159
Cério	175
Crómio	185
Enxofre	201
Titânio	207
Arsénico	211
Azoto	219
Estanho	231
Urânio	241
Prata	253
Vanádio	267
Carbono	283

Árgon

No ar que respiramos existem os chamados gases inertes. Têm curiosos nomes gregos de derivação erudita que significam «o Novo», «o Oculto», «o Ocioso», «o Estrangeiro». Efetivamente, são de tal modo inertes, e parecem tão satisfeitos com a sua condição, que não interferem em qualquer reação química nem se combinam com qualquer outro elemento. Talvez seja por essa razão que ficaram por observar durante séculos. Porém, em 1962, um químico cheio de boa vontade, depois de longos e engenhosos esforços, conseguiu obrigar «o Estrangeiro» (o xénon) a combinar-se fugazmente com o muito ávido e vivaz flúor; e a façanha foi considerada tão extraordinária que lhe valeu o Prémio Nobel. Também lhes podemos chamar gases nobres, e aqui poderíamos discutir se, na verdade, todos os nobres são inertes e todos os inertes são nobres. Por fim, ainda os podemos designar como gases raros, se bem que um deles, o árgon («o Ocioso»), esteja presente no ar na respeitável proporção de 1%, ou seja, é vinte ou trinta vezes mais abundante do que o anidrido carbónico, sem o qual não haveria sinais de vida neste planeta.

O pouco que sei sobre os meus antepassados aproxima-os deste gás. Nem todos eram materialmente inertes, porque isso não lhes era permitido: eram, pelo contrário (ou tinham de ser), suficientemente ativos para ganhar a vida e respeitar uma certa moralidade que dominava e segundo a qual «quem não trabuca, não manduca». Mas eram, sem dúvida, inertes no seu íntimo, habituados à especulação desinteressada, ao discurso subtil, à discussão elegante, sofisticada e gratuita. Não será por acaso que os atos que lhes foram atribuídos, embora de natureza vária, têm em comum qualquer coisa de estático, uma postura majestosa de abstenção, de submissão voluntária (ou resignada) às margens do grande rio da vida. Nobres, inertes e raros, a sua história é bastante pobre se comparada com a de outras ilustres comunidades hebraicas da Itália e do resto da Europa. Ao que parece, vindos da Espanha através da Provença, juntaram-se no Piemonte por volta de 1500, como parecem demonstrar alguns topónimos e apelidos: Bedarida-Bédarrides, Momigliano-Montmélian, Segre (que é um afluente do rio Ebro que banha Lérida, no Nordeste espanhol), Foà-Foix, Cavaglione-Cavaillon, Migliau-Millau; o nome da pequena cidade de Lunel, perto da nascente do Ródano, entre Montpellier e Nîmes, traduziu-se para o hebraico Jaréakh (Lua), do qual deriva o apelido hebraico-piemontês Jarach.

Rejeitados ou mal aceites em Turim, instalaram-se em várias localidades agrícolas do Piemonte meridional, introduzindo aí a tecnologia da seda, mas nunca superando, nem mesmo nos períodos mais florescentes, a condição de uma minoria extremamente exígua. Nunca foram nem muito amados nem muito odiados e as suas extraordinárias

perseguições não foram divulgadas; contudo, uma parede de desconfiança, de hostilidade indefinida e de troça deve tê-los mantido substancialmente separados do resto da população mesmo muitas décadas depois da emancipação de 1848 e da sua conseqüente incivilidade, se é verdade tudo quanto meu pai me contava da sua infância em Bene Vagienna: ou seja, que os seus contemporâneos, à saída da escola, tinham por costume gozá-lo (benevolamente), cumprimentando-o com as pontas do casaco apertadas nos punhos, à maneira de orelhas de burro, e cantando: «Ôrije'd crin, ôrije d'asô, a ji ebreô ai piasô» («orelhas de porco, orelhas de burro, agradam aos judeus»). A alusão às orelhas é arbitrária e o gesto pretendia parodiar, ainda que de forma sacrílega, a saudação que os judeus religiosos trocam na sinagoga, quando são chamados a ler a Bíblia, mostrando uns aos outros a extremidade do manto de oração, cujas borlas, minuciosamente prescritas no ritual em número, comprimento e forma, estão carregadas de significado místico e religioso. Porém, os miúdos ignoravam então a origem desse gesto. De qualquer modo, devo aqui recordar que o desprezo pelo manto de oração é tão velho como o antissemitismo e que com esses mantos, roubados aos deportados, as SS mandavam confeccionar ceroulas que depois eram distribuídas pelos judeus presos nos *Lager*.

Como sempre acontece, o repúdio era recíproco: da parte da minoria erguera-se uma barreira simétrica contra toda a cristandade («gôjím», «ñarelím»: os «gentios», os «não-circuncidados»), reproduzindo, ainda que numa escala provinciana e com um fundo pacificamente bucólico, a situação épica e bíblica do povo eleito. A argúcia ingênua dos

nossos tios («barba») e tias («magna») alimentava-se deste descrédito: sábios patriarcas manchados de tabaco e rainhas de trazer por casa que, todavia, se autodenominavam orgulhosamente «l pòpòl d'Israél»¹.

No que se refere ao termo «tio», é bom advertir que deve ser entendido num sentido muito amplo. Entre nós, é costume chamar tio aos parentes mais velhos, mesmo quando muito afastados. E, como todas ou quase todas as pessoas mais velhas da comunidade acabam por ser nossos parentes, o número de tios que temos é enorme. No caso dos que atingem uma idade bastante avançada (caso frequente, já que, desde Noé, somos gente longeva), o atributo de «barba» ou, respetivamente, de «magna» tende a fundir-se lentamente com o nome; e, com a confluência de diminutivos e uma analogia fonética insuspeita entre o hebraico e o piemontês, aparecem nomes complexos com sons estranhos que se transmitem invariáveis de geração para geração, tal como os eventos, as memórias e as palavras de quem há muito os trouxe.

Foi assim que nasceram Barbaiòtô (tio Elias); Barbasa-chín (tio Isaac); Magnaiéta (tia Maria); Barbamôisín (tio Moisés, de quem se conta ter ido a um charlatão mandar serrar os dois incisivos inferiores para poder fumar mais comodamente o seu cachimbo); Barbasmelín (tio Samuel); Magnavigàia (tia Abigail, que entrara em Saluzzo vestida de noiva e montada numa mula branca, subindo o Pó gelado por Carnagnola); Magnafôriña (tia Zéfora, do hebraico Tzipporà, que significa «pássaro»: esplêndido nome).

¹ «O povo de Israel». (*N. da T.*)

O avô Sacòb, que estivera em Inglaterra a comprar tecidos e, por isso, usava «na vestimenta a quàder»², devia pertencer a uma era ainda mais longínqua. O seu irmão Barbapartín (tio Bonaparte, nome ainda hoje comum entre os judeus em memória do alargamento por Napoleão da primeira emancipação efémera), que decaíra da sua qualidade de tio porque o Senhor, bendito seja, lhe dera uma mulher tão insuportável que ele se tinha batizado, feito frade e partido como missionário para a China para estar tão longe dela quanto possível.

A avó Bimba era muito bonita, usava uma boá de penas de avestruz e era baronesa. Napoleão tornara barões todos os seus familiares, porque estes «l'aviô prestaie'd mañòd» (lhe tinham emprestado dinheiro).

Barbarônín era alto, robusto e de ideias fixas. Fugira de Fossano para Turim e tivera muitas profissões. Uma vez, inscrevera-se no Teatro Carignano como figurante para o *Don Carlos*. Escrevera à família pedindo que viesse assistir à estreia e o tio Natàn e a tia Allegra compraram um camarote; mas quando o pano subiu e a tia o viu armado até aos dentes como um filisteu, gritou com quanta voz tinha: «Rônín, co't fai! Posa còl zàber!» («Aronne, que estás a fazer? Larga esse sabre!»)

Barbamiclín era um simplório. Em Acqui era respeitado e protegido, porque os pobres de espírito são filhos de Deus e não devemos insultá-los. Mas chamavam-lhe «Plantaperus», desde que um «rashàn» (malvado) resolvera fazer troça dele e lhe dissera que os perus se cultivam como os pêssegos,

² «Uma vestimenta aos quadrados». (N. da T.)

plantando as penas nos sulcos, e crescem depois pelos ramos. De resto, o peru tinha um lugar curiosamente importante neste mundo familiar arguto, brando e compostinho. Talvez porque, sendo presunçoso, pateta e colérico, exprime as qualidades opostas e presta-se a ser um chamariz; ou então, mais simplesmente, porque na Páscoa era à sua custa que se confeccionava uma célebre «quaiëta'd pitô» (empada de peru). Até o tio Pacífico criava uma perua a quem se afeiçoara. Diante da sua casa morava o senhor Lattes que era músico. A perua cacarejava e incomodava-o, pelo que resolveu pedir ao tio Pacífico que a mandasse calar. E o tio respondeu-lhe: «Sarà fàita la sôa cômmissiôn. Sôra pita, c'a staga ciútô.» (O seu pedido será satisfeito. Senhora perua, esteja calada.)

O tio Gabriel era rabino e por isso era conhecido como «Barba Morénô» (o nosso tio Mestre). Velho e quase cego, voltava um dia a pé de Verzuolo para Saluzzo à torreira do sol. Viu aproximar-se um carro, mandou-o parar e pediu para subir; mas, à medida que ia falando com o condutor, foi-se dando conta de que se tratava de um carro funerário que levava uma cristã para o cemitério; coisa abominável porque, tal como está escrito em *Ezequiel*, 44.25, um sacerdote que toque num morto, ou que tão-somente entre no quarto onde jaz um morto, fica contaminado e permanece impuro durante sete dias. Saltou do carro e gritou: «I eu viagià côn 'na pegartà! Viturín fermé!» («Viajei com uma morta! Condutor, pare!»)

O «Gnôr»³ Grassidiô e o «Gnôr» Cólômbô eram dois amigos-inimigos que, segundo a lenda, moraram por tempo

³ «Gnôr», abreviatura de senhor. (*N. da T.*)

imemorável em frente um do outro, dos dois lados de uma estreita viela da cidade de Moncalvo. O «Gnôr» Grassidiô era maçon e riquíssimo. Tinha uma certa vergonha de ser judeu e casara-se com uma «gôia», ou seja, uma cristã, de cabelos loiros e compridos até ao chão que o atraçoava. Esta «gôia», se bem que efetivamente uma «gôia», chamava-se Magna Ausilia, o que indica um certo grau de aceitação por parte dos epígonos. Era filha de um comandante de navios que oferecera ao «Gnôr» Grassidiô um grande papagaio colorido vindo das Guianas que dizia em latim: «Conhece-te a ti mesmo.» Ora, o «Gnôr» Cólômbô era pobre e partidário de Mazzini: quando o papagaio chegou, resolveu comprar uma gralha completamente depenada e ensinou-a a falar. Quando o papagaio dizia «Nosce te ipsum», a gralha respondia «Fate furb» (Vai passear).

Mas, a propósito da «pegartà»⁴ do tio David, da «gôia» do «Gnôr» Grassidiô, dos «mañòd»⁵ da avó Bimba e da «havertà» daqueles de quem a seguir falaremos, torna-se necessária uma explicação. «Havertà» é hebraico distorcido, na forma e no significado, e insultuoso. Mais precisamente, é a forma arbitrária para o feminino de «Havèr» (companheiro) e significa «criada», mas contém a ideia acessória de mulher de baixa condição e de crenças e costumes diferentes que somos obrigados a abrigar debaixo do nosso teto. A «havertà» é normalmente pouco educada e ordinária e tem, por definição, uma curiosidade malévola pelos costumes da casa e pelas conversas dos patrões, obrigando-os

⁴ «Pegartà», morta. (*N. da T.*)

⁵ «Mañòd», dinheiro. (*N. da T.*)

a servir-se, na sua presença, de uma gíria peculiar, da qual faz evidentemente parte o próprio termo «havertà», para além de outros já citados. Esta gíria já quase desapareceu. Há duas gerações ainda continha mais de cem vocábulos e locuções que consistiam, na sua maioria, na reunião de radicais hebraicos com terminações e flexões piemontesas. Um exame, ainda que sumário, denuncia a sua função de subterfúgio e dissimulação; era uma linguagem cheia de artifícios destinada a ser empregue para falar dos «gôjím» em presença dos «gôjím»; ou também para responder, ousadamente, com injúrias e maldições impercetíveis, ao regime de clausura e opressão por eles instaurado.

O seu interesse histórico é exíguo porque nunca chegou a ser falada por mais de um milhar de pessoas. Mas é grande o seu interesse humano, tal como o de todas as línguas marginais ou de transição. Contém, de facto, uma admirável força cômica que brota do contraste entre o tecido do discurso (que é o dialeto piemontês áspero, sóbrio e lacónico, nunca escrito senão por aposta) e o puxavante hebraico, surripado à longínqua língua dos sacerdotes, sagrada e solene, geológica, alisada pelos milénios como o leito de um rio gelado. Mas este contraste reflete um outro, o característico do hebraísmo da Diáspora, disperso entre «os gentios», que se estende entre a vocação divina e a miséria quotidiana do exílio; e ainda um outro, bem mais geral, enraizado na condição humana, já que o homem é centauro, emaranhado de carne e espírito, de hálito divino e de pó. O povo judeu, depois da dispersão, viveu longa e dolorosamente este conflito, mas dele soube trazer, juntamente com a sua sabedoria, o seu riso que, com efeito, faltava à Bíblia e aos profetas.

O ídiche foi invadido por ele e, nos seus modestos limites, também a fala bizarra dos nossos pais desta terra que quero recordar aqui antes que desapareça: fala cética e ingénua que só com um exame pouco atento poderia parecer blasfema, já que é rica e merecedora das confidências com Deus, Nôssgnôr, Adonai Eloénô, Cadòss Barôkhú.

O seu cunho de humilhação é evidente: faltam, por exemplo, porquanto inúteis, as palavras para «sol», «homem», «dia» ou «cidade», enquanto estão representados os termos para «noite», «esconder», «dinheiro», «prisão», «sonho» (mas usado quase exclusivamente na locução «bahalòm», «em sonhos», para acrescentar burlescamente a uma afirmação com o objetivo de que esta seja entendida exatamente no sentido contrário), «roubar», «enforcar» e outros parecidos. Além destas, existe ainda um bom número de palavras insultuosas, usadas às vezes para criticar pessoas, mas empregues em situações mais típicas, tais como, por exemplo, entre marido e mulher parados diante do balcão de uma loja cristã e indecisos sobre a compra a efetuar. Citemos «'n saròd», plural majestático, nunca entendido como tal, do hebraico «tzarà», desventura, e usado para descrever uma mercadoria ou uma pessoa de pouco valor; deste termo ainda existe o gracioso diminutivo «sarôdín» e também não queria que ficasse esquecida a expressão «saròd e senssa mañòd», usada pelos corretores de matrimónios a propósito de raparigas feias e sem dote; «hasirúd», substantivo coletivo e abstrato formado a partir de «hasìr», porco, e portanto mais ou menos equivalente a porcaria, javardice. Note-se que o som «u» (francês) não existe em hebraico; existe, isso sim, a terminação «út» (com «u» português) que serve para identificar os ter-

mos abstratos (por exemplo «malkhút», reino, a partir de «mélekh», rei), mas não tem hoje em dia a conotação insultuosa que tinha no emprego da gíria. Outra situação típica da utilização destes termos era entre o patrão e os empregados de uma loja para falar dos fregueses: no Piemonte do século XIX, o comércio das fazendas estava frequentemente nas mãos de judeus e assim nasceu uma subgíria específica que, transmitida pelos empregados que por sua vez se tornavam patrões mas que não eram necessariamente judeus, se espalhou entre muitas lojas do ramo e ainda hoje subsiste, falada por gente que fica bastante admirada quando casualmente vem a saber que utiliza palavras hebraicas. Por exemplo, ainda hoje qualquer pessoa emprega a expressão «'na vesta a kiním» para designar «um vestido de pintinhas»; ora, os «kiním» são os piolhos, a terceira das dez pragas do Egito, enumeradas e cantadas no ritual da Páscoa hebraica.

Aqui fica, pois, uma discreta variedade de palavras pouco decentes para serem empregues não só com o seu significado próprio diante de crianças, mas também no lugar de impropérios: em qualquer dos casos, se as confrontarmos com os termos correspondentes em italiano ou piemontês, estas apresentam, para além da já citada vantagem de não serem compreendidas, também a de aliviar o coração sem esfoliar a boca.

Talvez mais interessantes para um estudioso dos costumes são alguns termos que dizem respeito a coisas pertinentes da fé católica. Neste caso, a forma originalmente hebraica corrompeu-se com muito maior profundidade e isto por duas razões: em primeiro lugar, o sigilo era aqui estritamente necessário, porque a sua compreensão por

parte dos pagãos podia comportar o perigo de uma incriminação por sacrilégio; em segundo lugar, a pronúncia errada adquire neste caso o fim específico de negar, de apagar o conteúdo mágico-sagrado da palavra e, assim, de lhe subtrair todas as virtudes sobrenaturais: pelo mesmo motivo, em todas as línguas o Diabo é designado com muitíssimos nomes de carácter alusivo e eufemístico que permitem falar dele sem proferir o seu nome. A igreja (católica) designava-se «tônevà», palavra de que não consegui reconstituir a origem e que provavelmente nada tem de hebraico senão o som; a sinagoga, com falsa modéstia, designava-se simplesmente «scòla», o lugar onde se aprende e se é educado; e, paralelamente, o rabino não era designado com o termo correto «rabbi» ou «rabbénu» (o nosso rabino), mas como Morénô (o nosso Mestre), ou «Khakhàm» (o Sábio). Na sinagoga, de facto, não se cumpre o odioso «Khaltrúm» dos gentios: Khaltrúm ou Khantrúm é o rito e a beatice dos católicos, intolerável por ser politeísta e sobretudo carregada de imagens («Não terás outro Deus senão eu; não farás esculturas nem imagens... e não as adorarás», *Êxodo*, 20.3) e por isso idolátrica. Mesmo deste último termo, carregado de horror, a origem é obscura, quase certamente não hebraica: mas noutras gírias hebraico-italianas existe o adjetivo «khalto», no sentido de «beato» e usado principalmente para descrever o cristão adorador de imagens.

«A-issà» é a Nossa Senhora (quer dizer simplesmente «a mulher»). Totalmente críptico e indecifrável, como era de prever, é o termo «Odò» com o qual, quando não se podia mesmo fazer por menos, se aludia a Cristo, baixando a voz e olhando à volta de maneira circunspecta: de Cristo é bom

falar o menos possível, porque o mito do Povo Deicida custa a morrer.

Outros numerosos termos foram trazidos, tal e qual, do ritual e dos livros sagrados que os judeus do século passado liam mais ou menos expeditamente e compreendiam na sua maioria: mas, no uso da gíria, tendiam a deformar ou alargar arbitrariamente a sua área semântica. Da raiz «shafòkh», que quer dizer expandir e aparece no *Salmo 79* («Expande a Tua ira sobre aqueles que não Te reconhecem e sobre os reinos que não invocam o Teu nome»), as nossas mães tiraram a expressão coloquial «fê sefòkh», deixar expandir, com a qual se descrevia delicadamente o bolçado. De «rúakh», plural «rukhòd», que quer dizer bafo, vocábulo ilustre que se lê no tenebroso e admirável segundo versículo do *Génesis* («O vento do Senhor bafejava o rosto das águas»), criou-se «tiré 'n ruàkh», largar um bafo, nos seus diversos significados fisiológicos, donde se reconhece a bíblica familiaridade entre o Povo Eleito e o seu Criador. Como exemplo de aplicação prática, conta-se a história da tia Regina, sentada com o tio David no Café Fiorio da Rua Pó: «Davidín, bat la cana, c'as sentô nèn le rôkhòd!», frase que atesta uma relação conjugal de intimidade afetiva. Quanto à bengala⁶, era nesse tempo um símbolo de condição social, tal como poderia ser hoje em dia viajar em primeira classe num comboio. O meu pai, por exemplo, tinha duas, uma de bambu para os feriados e outra de junco da Malaca com castão de prata para os domingos. A bengala não lhe servia de apoio (ele não

⁶ Bengala é uma das palavras presentes na frase dita pela tia Regina ao tio David (*la cana*) que não traduzimos por não aparecer no original a respetiva tradução da gíria para o italiano.

precisava), apenas para a rodopiar jovialmente no ar e para afastar do seu caminho os cães demasiado insolentes: como um cetro, em suma, para o distinguir da plebe.

«Berakhà» é a bênção: um judeu religioso é obrigado a pronunciar esta palavra mais de cem vezes por dia e fá-lo com profunda alegria, porque assim entretém o milenário diálogo com o Eterno, que em cada bênção é louvado e agraciado pelos Seus dons. Nonô Leônín era o meu bisavô, morava em Casale Monferrato e tinha pé chato; a rua em frente da sua casa era empedrada e ele, para a percorrer, sofria muito. Uma manhã, ao sair de casa, encontrou a rua calcetada e exclamou do fundo do coração: «'N abrahkà a côi gôjím c'a l'an fàit i lòsi!» (Uma bênção para os infieis que calcetaram a rua!) Com a função de maldizer, usava-se a curiosa expressão «medà meshônà», à letra, «morte estranha», mas com o sentido do «assidènt» (acidente) piemontês. Ao mesmo Nonô Leônín atribui-se a inexplicável praga «c'ai takèissa 'na medà meshônà fàita a paraqua» (oxalá vás pela rua, tenhas uma dor, caias e morras).

Não poderia esquecer-me de Barbaricô, mais próximo no tempo e no espaço, já que pouco faltou (uma geração apenas) para que fosse meu tio na verdadeira aceção da palavra. Dele conservo uma recordação pessoal, articulada e complexa, não «figé dans un'attitude» como a das míticas personagens que até agora recordei. A Barbaricô aplica-se pincelada por pincelada a semelhança aos gases inertes com que começam estas páginas.

Estudara Medicina e tornara-se um bom médico, mas não gostava do mundo. Gostava dos homens e, mais particularmente, das mulheres, dos prados e do céu. Porém, não

gostava do cansaço, do barulho dos carros, dos caminhos que conduziam à estrada, dos encargos para o pão de todos os dias, das obrigações, dos horários e da decadência. Em suma, nada do que caracterizava a vida afanosa da cidade de Casale Monferrato em 1890. Queria partir, mas era demasiado preguiçoso. Os amigos e uma mulher que o amava, e que ele suportava com leviana benevolência, convenceram-no a concorrer para um posto de médico a bordo de um transatlântico; ganhou facilmente o concurso, fez apenas uma viagem de Génova para Nova Iorque e, de regresso a Génova, pediu a demissão, porque na América «a j'era trop bôrdel» (havia demasiada confusão).

A partir de então alojou-se em Turim. Teve muitas mulheres que, sem exceção, queriam recuperá-lo e casar-se com ele, mas ele detestava as obrigações, fossem elas o casamento, o estudo de um instrumento ou mesmo o exercício regular da profissão. Por volta de 1930 era um velhote tímido, encolhido e descuidado, pavorosamente míope; vivia com uma cristã gorda e ordinária de quem tentava livrar-se com pouca convicção e que definia, de vez em quando, como «'na sôtià», «'na hamortà», «'na gran beemà» (uma maluca, uma burra, uma grande besta), mas sem aspereza e até com uns laivos de inexplicável ternura. Esta cristã «a vôria fiña fêlô samdé» quis por fim que ele se batizasse (à letra: destruísse), coisa que ele sempre recusara, não por convicção religiosa, mas por falta de iniciativa e por indiferença.

Barbaricô tinha pelo menos doze irmãos e irmãs que designavam a sua companheira com o nome irónico e cruel de «Magna Môrfina»: irónico porque a senhora, coitada, enquanto cristã e enquanto privada de descendência,

não podia ser uma «magna» senão num sentido muito limitado, pelo que o termo devia entender-se em sentido contrário, «não-magna», excluída e cortada da família; cruel, porque continha uma alusão provavelmente falsa, mas de qualquer modo impiedosa, a um certo desfrutamento do receituário de Barbaricô.

Viviam os dois numas águas-furtadas de Borgo Vanchigliá, imundas e caóticas. O tio era um ótimo médico, cheio de sabedoria humana e de intuição diagnóstica, mas passava o dia estendido na cama a ler livros e jornais velhos: era um leitor atento, com boa memória, eclético e infatigável, se bem que a miopia o obrigasse a ter as letras a três dedos dos óculos que eram espessos como o fundo de um copo. Só se levantava quando um cliente o mandava chamar, o que acontecia frequentemente porque nunca recebia dinheiro pela consulta; os seus doentes eram gente pobre da aldeia, de quem aceitava a título de pagamento meia dúzia de ovos, hortaliças ou, às vezes, um par de sapatos gastos. Ia a pé para casa dos clientes porque não tinha dinheiro para o transporte. Quando entrevia na rua, na neblina da miopia, uma rapariga, aproximava-se e, com surpresa desta, examinava-a minuciosamente, andando à sua volta à distância de um palmo. Não comia quase nada e, em geral, não tinha necessidades; morreu depois dos 90 anos, com discrição e dignidade.

Parecida com Barbaricô no seu repúdio pelo mundo era a avó Fina, uma de quatro irmãs, todas chamadas Fina: esta singularidade anagráfica devia-se ao facto de as quatro meninas terem sido enviadas para Bra, sucessivamente, para casa da mesma ama de leite que se chamava Delfina e que assim

chamava a todas as crianças que amamentava. A avó Fina morava em Carmagnola, num apartamento no primeiro andar e fazia rendas espetaculares com uma só agulha. Aos 68 anos teve uma ligeira doença, uma «caôdaña», como então tinham as senhoras e agora misteriosamente já não têm. Desde então, durante vinte anos, isto é, até à sua morte, nunca mais saiu do quarto; ao sábado, da pequena varanda cheia de gerânios, cumprimentava com a mão as pessoas que saíam da «scòla». Mas devia ter sido bem diferente na sua juventude, se é verdade tudo quanto se conta dela: que, tendo o seu marido levado para casa como hóspede o rabino de Moncalvo, homem ilustre e erudito, ela lhe dera para comer, sem lhe dizer palavra, «'na côtlètta'd hasír» (uma costeleta de porco), porque não havia mais nada na despensa. O seu irmão Barbarafín (Rafael), que antes de ser promovido a barba era conhecido como «'l fieul 'd Môisé 'd Celín»⁷, então já em idade madura e riquíssimo à conta dos dinheiros ganhos com os fornecimentos militares, tinha-se apaixonado por uma lindíssima Dolce Valabrega de Gassinò; não ousara declarar-se, escrevia-lhe cartas de amor que não enviava e depois escrevia para si mesmo respostas apaixonadas.

Também Marchín, ex-barba, teve uma história de amor infeliz. Apaixonara-se por Susana (que em hebraico quer dizer açucena), mulher alegre e piedosa, detentora de uma receita secular para a confeção dos chouriços de fígado: estes chouriços fazem-se utilizando como invólucro o próprio pescoço da ave e acontece que, no Lassón Acòdesh (na

⁷ «O filho de Moisés de Salim». (N. da T.)

«língua santa», isto é, na gíria de que nos ocupamos), sobreviveram três sinónimos para «pescoço». O primeiro, «mahané», é neutro e de uso técnico e genérico; o segundo, «savàr», usa-se apenas em metáforas como «a rôta 'd savàr» (à roda do pescoço); o terceiro, «khanèc», extremamente insultuoso, alude ao pescoço como percurso vital que pode ser obstruído, ocluso ou cortado e usa-se em pragas como «c'at resta ant 'l khanèc» (oxalá te engasgues); «khanichésse» quer dizer «enforçar-se». Marchín era, porém, ajudante e empregado de Susana, tanto na misteriosa cozinha como na loja em cujas prateleiras estavam dispostos promiscuamente chouriços, paramentos sagrados, amuletos e livros de oração. Susana rejeitou-o e Marchín vingou-se de forma abominável, vendendo a receita dos chouriços a um cristão. Tudo leva a pensar que este nunca lhe deu o devido valor porque, desde a morte de Susana (que ocorreu numa época histórica), nunca mais foi possível encontrar no mercado chouriço de fígado digno desse nome e da tradição. Por esta sua desprezível falta de razão perdeu o direito ao nome de tio.

Distante de todos, portentosamente inerte, rodeado por um espesso sudário de lenda e de incredibilidade e fossilizado em todos os filamentos na sua qualidade de tio, estava Barbabramín de Chieri, tio da minha avó materna. Ficou rico desde muito novo, tendo adquirido aos nobres do lugar numerosas vacarias desde Chieri até Astigiano; fazendo contas à herança, os seus parentes gastaram todos os bens em banquetes, bailes e viagens a Paris. Ora, acontece que a mãe dele, a tia Milca («Regina»), adoeceu e, depois de muito discutir com o marido, acabou por aceitar ter de contratar uma «havertà», uma criada, coisa que sempre rejeitara até àquele

momento: pressentia que mulheres em casa só trariam problemas. Efetivamente, Barbabramín tomou-se de amores por esta «havertà», provavelmente a primeira fêmea menos santa de quem lhe fora permitido aproximar-se.

Desta não se sabe o nome, apenas se conhecem algumas das suas qualidades. Era bonita e vigorosa e possuía esplêndidos «khalaviòd» (seios: o termo é desconhecido no hebraico clássico, onde todavia «khalàv» quer dizer «leite»). Era, naturalmente, uma cristã, era insolente e não sabia ler nem escrever; mas era, também, uma excelente cozinheira. Era uma camponesa, «na põñaltà», e andava descalça pela casa. Por tudo isto se apaixonou o tio: pelos seus tornozelos, pela sua liberdade de linguagem e pelos seus cozinhados. Não disse nada à rapariga, mas declarou aos pais que fazia tenções de se casar com ela. Estes ficaram furiosos e o tio meteu-se na cama, onde ficou durante vinte e dois anos.

Sobre o que fez Barbabramín durante todos estes anos, as versões são bastante diferentes. Não há dúvidas de que, em boa parte, dormiu e «brincou»: sabe-se de fonte segura que se arruinou economicamente, porque «não cortava os cupões» dos bónus do Tesouro e porque confiara a administração das vacarias a um «mamsér» (bastardo) que as vendera por tuta e meia a um testa-de-ferro; segundo os pressentimentos da tia Milca, o tio deixou, assim, cair na ruína todos os seus parentes e ainda hoje se lamentam as consequências desse ato.

Também se conta que leu e estudou e que, por fim, recuperando a sabedoria e a justiça, recebia no leito delegações dos notáveis de Chieri e resolvia as controvérsias; ainda se narra que aquela mesma «havertà» não ignorava o caminho

para esse leito e que, pelo menos nos primeiros anos, a clausura voluntária do tio era interrompida por saídas noturnas até ao café que ficava por baixo da sua casa, onde jogava bilhar. Mas, em suma, permaneceu na cama durante quase um quarto de século e, quando a tia Milca e o tio Salomão morreram, casou com a «havertà» e levou-a para a cama definitivamente, porque estava então de tal modo enfraquecido que as pernas já não lhe obedeciam. Morreu pobre, mas rico em anos e em fama, e em paz de espírito, em 1883.

A Susana dos chouriços era prima da avó Mália, minha avó paterna que sobrevive sob a forma de uma feiticeira minúscula e enfeitada em algumas poses de estúdio executadas por volta de 1870, e como uma velhota enrugada, colérica, descomposta e fabulosamente surda nas minhas mais remotas memórias de infância. Ainda hoje se guardam, inexplicavelmente, nas prateleiras mais altas dos armários, as suas relíquias: xales de renda negra pespontados a ráfia transparente, bordados nobres de seda, um abafó de marta estragado pelas traças de quatro gerações, um talher de prata maciça com as suas iniciais, como se, quase cinquenta anos depois, o seu espírito inquieto ainda visitasse a nossa casa.

Nos seus melhores dias fora conhecida como «la Strassacoeur», «a dilaceradora de corações»; ficou viúva muito cedo e consta que o meu avô se suicidara desesperado com a sua infidelidade. Educou de forma espartana três filhos que obrigou a estudar; em idade avançada, acabou por se casar com um velho médico cristão, majestoso, barbudo e taciturno, e desde então tornou-se avarenta, embora na juventude tenha sido realmente pródiga, como devem ser as

mulheres bonitas e muito amadas. Com o passar dos anos, afastou-se totalmente dos afetos familiares (que, de resto, nunca devia ter sentido com muita profundidade). Vivia com o Doutor na Rua Pó, num apartamento tenebroso e sem luz, que era aquecido durante o inverno apenas com um aquecedor *Franklin*. Já não deitava nada fora porque achava que tudo poderia vir a fazer falta: nem sequer as cascas do queijo, nem as pratas dos chocolates com que confeccionava bolas prateadas que enviava para as missões «per liberare un moretto»⁸. Talvez com medo de errar na escolha definitiva, frequentava em dias alternados a sinagoga da Rua Pio V e a paróquia de Santo Octávio e, ao que parece, cometia o sacrilégio de se confessar. Morreu depois dos 80 anos, em 1928, assistida por um grupo de vizinhas descabeladas, vestidas de preto e loucas como ela, conduzidas por uma megera que se chamava Madame Scílimberg. Entre as cólicas renais, a avó vigiou a Scílimberg até ao último suspiro, com medo de que esta encontrasse a «maftèkh» (a chave) escondida debaixo do colchão e lhe levasse os «mañod» e as «hafassím» (joias que, por acaso, veio a saber-se serem todas falsas).

Os filhos e as noras dedicaram-se, depois da sua morte, durante algumas semanas, assustados e enojados, a escolher na montanha de restos domésticos que invadira o apartamento aquilo que valia a pena. A avó Mália conservara, sem discriminação, tanto os vestidos mais requintados como o esterco mais revoltante. Dos armários entalhados de noqueira saíram exércitos de percevejos toldados com a luz e,

⁸ «Para libertar um pretinho». (*N. da T.*)

depois, lençóis de linho por estrear misturados com outros puídos e remendados, usados até à transparência; cortinas e colchas de damasco «double-face»; uma coleção de colibris empalhados que, assim que se lhes mexeu, se desfizeram em pó; na adega, uma centena de garrafas de um vinho precioso que já se transformara em vinagre. Encontraram oito capotes do Doutor, novos em folha, rodeados de naftalina e o único que ela lhe permitiu usar todo rasgado e remendado, com a gola suja de brilhantina e um escudo maçónico no bolso.

Não me lembro de quase nada dela, a quem o meu pai chamava mamã (mesmo quando falava na terceira pessoa) e gostava de descrever com um sabor bizarro, apenas temperado por um véu de piedade filial. O meu pai levava-me, todos os domingos de manhã, a pé, a visitar a avó Mália: percorríamos lentamente a Rua Pó e ele parava para acariciar todos os gatos, para cheirar todas as trufas e folhear todos os livros usados. O meu pai era «l'Ingegné»⁹, o dos bolsos sempre cheios de livros, conhecido por todos os merceiros porque verificava com a régua logarítmica a multiplicação da conta do presunto. Isto não significa que o comprasse de ânimo leve: mais supersticioso do que religioso, sentia-se pouco à vontade para infringir as regras do Kasherút. Porém, gostava tanto de presunto que, diante da tentação das montras, cedia sempre, suspirando, praguejando em voz baixa e olhando-me de soslaio, como se temesse a minha opinião ou esperasse da minha parte uma certa cumplicidade.

⁹ «O Engenheiro», dito de forma coloquial. (N. da T.)

Quando chegávamos ao patamar escuro do apartamento da Rua Pó, o meu pai tocava à campainha e gritava a um dos ouvidos da avó que vinha abrir: «A l'è 'l prim 'd la scòla» (é o melhor da turma). A avó mandava-nos entrar com visível relutância e guiava-nos através de um corredor cheio de quartos poeirentos e desabitados, um dos quais, repleto de instrumentos esquisitos, era o estúdio semiabandonado do Doutor. O Doutor quase nunca se via, nem eu desejava vê-lo, desde o dia em que surpreendera o meu pai contando à minha mãe que, sempre que lhe levavam crianças gagas para serem tratadas, ele cortava-lhes com uma tesoura o filamento debaixo da língua. Chegados à sala de visitas, a minha avó tirava de um recanto a caixa de chocolates, sempre a mesma, e oferecia-me um. O chocolate estava carcomido e eu fazia-o desaparecer no bolso muito embaraçado.

Nota sobre a grafia

Como a gíria descrita é híbrida, é igualmente híbrida a grafia a que tive de recorrer. Leia-se:

eu, oeu: como em francês «peu»;
ê: e indistinto ou semimudo;
h: ligeira aspiração, como em inglês «home»;
kh: aspiração forte, como em alemão «flach»;
ñ: n nasal, como em «tango» e no piemontês «smaña»;
ô: como o u italiano;
u: como o u francês, por exemplo em «plume».

As outras letras, como em italiano.